



Crise hídrica

Água vinda do céu

‘Não aproveitamos a água da chuva’, alerta engenheiro agrônomo e ex-professor da Esalq

MARCELO ROCHA
Da Gazeta de Piracicaba
marcelo.rocha@gazetadepiracicaba.com.br

“**E**stamos virando as costas para a água que vem dos céus, enquanto em outros lugares esta água já está sendo aproveitada”. O alerta é de Célio Soares Moreira, 85 anos, engenheiro agrônomo e professor aposentado da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), que anda bastante incomodado com a passividade da população e do poder público nestes tempos de grave crise hídrica. “Piracicaba precisa acordar e não perder a água que Deus nos manda”.

Antenado e seriamente preocupado com os problemas hídricos em várias regiões do país, Moreira acompanha, de maneira sistemática, o noticiário ligado ao meio ambiente. Lê notícias, rebate fatos e participa de discussões “verdes” enviando artigos e cartas às redações dos jornais paulistas.

Em dezembro do ano passado, o ex-professor da Esalq – que é natural da cidade de Jaú e já está aposentado há 25 anos – teve publicado no jornal O Estado de São Paulo o artigo denominado Escassez e Água Potável, no qual faz um paralelo entre a escassez de água no Brasil, apesar de sua pujança de recursos naturais, e uma cidade no Paraguai que possui baixíssimo índice pluviométrico de chuvas ao longo do ano, mas que, contudo, desenvolveu eficientes sistemas de armazenagem de água. “Recorri à imprensa paulista porque me assusta a situação de escassez e me aviva uma experiência que tive há alguns anos, no Chaco, que é uma região ao norte do Paraguai”, declara.

O engenheiro agrônomo conta que nesta região, onde realizou trabalhos por algumas vezes – ligados ao desenvolvimento da citrocultura, a pedido da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e do Ministério da Agricultura do Paraguai –, está instalada a pequena e sustentável cidade de Filadélfia, colônia menonita que possui uma população estimada em 10 mil habitantes.

“Esta cidade é formada por uma imigração alemã, que tem um passado difícil, pois vieram fugidos da Segunda Guerra”, comenta Moreira. “E o Paraguai praticamente abandonou-os. Mas eles aguentaram, passaram fome, sede e fizeram o assentamento do jeito que dava, apesar de uma dura realidade: lá só chove dois meses por ano, o equivalente a 600 milímetros. O resto do ano é aridez”, observa o engenheiro agrônomo, que lembra que no Brasil temos índices pluviométricos entre 1.200 e 1.500 milímetros/ano.

Para piorar, em Filadélfia,



Del Rodrigues

Cidades do Brasil têm índices pluviométricos privilegiados, mas a água é desperdiçada, alerta Célio Moreira



Fotos: Christiano Diehl Neto

Baixa vazão de água: foto aérea, realizada na semana passada, exibe o salto do rio Piracicaba quase seco



População precisa armazenar água em caixas e cisternas domésticas

quem tenta perfurar um poço encontra água salobra, ou seja, que não serve para o consumo humano. “Entre Fi-

lândia e Assunção (a capital, que está a 450 quilômetros de distância) não existe nada de água, a não ser um cerrado pobre”, afirma Moreira.

Apesar disso, diz Moreira, esse povo fornece leite fresco em Assunção (o gado bebe água de chuva armazenada em depósitos escavados e impermeabilizados com plástico), exporta óleo de soja e de algodão, grãos de soja, tecidos e outros produtos, além de contar com uma boa infraestrutura que envolve indústrias madeireiras e um hotel. “Eles têm uma ótima organização, como todo alemão. As ruas são bem ordenadas e as casas são quase de um modelo só. Mas o segredo é que cada casa capta a sua própria

água pelo telhado. Eles têm apenas 600 milímetros por ano, então não podem perder nada”, acrescenta.

“Eles são um povo que vive da água da chuva, que é menos da metade da nossa quantidade anual de água da chuva, mas que está trabalhando, progredindo e mandando seus filhos para estudarem na Europa”, relata o ex-professor da Esalq.

POUCAS AÇÕES
De acordo com o engenheiro agrônomo, há pouquíssimas iniciativas em Piracicaba no sentido de reaproveitamento da água da chuva. “No Lar dos Velhinhos, por exemplo, já há umas quatro casas que aproveitam a água que Deus mandou. Nelas, já tem um burlão, na área externa, para captação de água de chuva”, cita.

Outra iniciativa no município, lembra Moreira, é um supermercado que construiu um tanque com capacidade de armazenar 400 mil litros de água de chuva. O esalqueano sugere que pessoas se informem a respeito de sistemas domésticos de captação de água de chuva e tenham seus próprios sistemas de armazenagem, como caixas de água e cisternas externas. “Por que as escolas, empresas e fábricas, que têm telhados imensos, ainda não recolhem água de chuva?”, questiona. “Só quando doer no bolso o pessoal vai acordar”.

ÁGUA DA AMAZÔNIA
Recentemente, em suas leituras sobre temas ambientais, o agrônomo se deparou com uma notícia no O Estado de São Paulo que o deixou indignado. Em janeiro, o jornal publicou uma matéria que trazia a manchete Empresa brasileira vai vender garrafa com água retirada do ar da Amazônia por R\$ 20.

A ideia partiu de um grupo de quatro empresários instalados em São Paulo, que conseguiu a concessão de uma área de “1,75 milhão de metros quadrados às margens do rio Negro”, informa o Estadão. A permissão de exploração, com prazo de 30 anos, foi dada pela prefeitura da cidade de Barcelos. No local, máquinas trabalham para “condensar a umidade do ar da floresta, fazendo a água passar por filtros e equipamentos de mineralização”, acrescenta a matéria.

“Esses rapazes (empresários) conseguiram a doação, de quem não pode doar, do direito de exploração de 30 mil hectares durante 30 anos. Seja como for, vamos ficar com menos água dentro da mata. E eles vão exportar isso. Acho isso um roubo, um absurdo”, desabafa o agrônomo. “Será a água engarrafada mais pura que existe. Não só estamos perdendo água, como também a capacidade de gestão de nosso ecossistema”.

NÚMERO

600

Milímetros de chuva

Ao ano é o índice pluviométrico da cidade paraguaia Filadélfia, a metade da média brasileira

lândia e Assunção (a capital, que está a 450 quilômetros de distância) não existe nada de água, a não ser um cerrado pobre”, afirma Moreira.